



Vieira da Silva

(DA ACADEMIA MARANHENSE)

ORMA
869.91
5586P

ORMA
869.91
V657P

Poesias

(1907-1908)

*"Ao grande poeta das
"Abissas Negras" oferece como
homenagem ao seu fulgurante
1908
Autor*

—
TYPOGRAVURA TEIXEIRA

—
Maranhão

Offertorio

*Não sei se fui heroe ou covarde lutando;
Sei que muito lutei. Lutei. Tinha, na arena,
Uma meza, um tinteiro, um buril, uma penna
E uma branca visão, perto, me acompanhando.*

*Branca, floco de neve, uma estrella terrena,
Jamais me abandonou, sempre me encorajando...
Vi no duplo luar dos seus olhos brilhando
A luz de uma paixão grande, calma, serena.*

*Hoje, perto de ti, doce nimbus de luz,
Ótro, musa, mulher, visão, sombra erradia,
Que volves, para mim, os teus olhos azues,*

*Venho offerlar-te, vês ? Bem modesto e sem palma
Este meu livro—É' teu. É uma canção, Maria,
Do passado de luz que eu trago dentro d'alma !...*

Cigana

*Era uma vez uma cigana. Um dia
Laura pediu-lhe que lhe lesse a sina
E ella, a cigana, de contente ria
Ante a mãozinha delicada e fina.*

*Fita-lhe o olhar e, debil e franzina,
Linha por linha, attentamente, lia
Um futuro de rosas á menina,
Tudo que Laura desejar podia.*

E disse aos paes: "Tres vezes, meus senhores,
"Aquelle ipê se cobriá de flores,
"Para a menina se cobrir de um vôc".

Laura rio-se e corou. E um anno corre,
Outro mais e um terceiro... e Laura morre...
— Foi, com certeza, de casar no céc !..

No Deserto

*Verde, aos beijos do sol, na requemada areia,
Numa tarde de outono, em meio da jornada,
Como um raio de luz que a escuridão clareia
Agadés aparece à caravana ousada.*

*E surge pela tarde em hora abençoada,
Hora em que o amor o fogo aos corações ateia...
E em prece a caravana agradece prestada
Cádis que no deserto a mão de Allah semeia.*

*Chegam, matam a sede, e, antes que anciteça,
Antes que fuja a luz, antes que a treva desça,
—Aves de arribação que nos oasis pousam—*

*Armam tendas e, em volta ao fogo das lareiras,
Protegidos da sombra, à paz das tamarieiras,
Entre nuvens de fumo os arabes repousam !...*

Idyllio

*Horas inteiras passo contemplando
Estes brancos e garrulos pombinhos,
Que se afastaram do mimoso bando,
Como se fossem conversar sosinhos.*

*E fico immovel, a sonhar, olhando
Como se beijam esses dois arminhos,
Como vivem contentes, arrulhando,
Fazendo rodas e tecendo ninhos.*

*Entre beijos se vão por sobre as casas,
Nervosamente sacudindo as azas,
Matando, em febre, a sede dos desejos:*

*Como se apenas consistisse a vida
No palpitar da bocca enfebrecida
Desabrochando num rosal de beijos !...*

Ante uma Mulher

*Quero-te assim ! que ao ver-te o céu se espante
E se quebre o buril na mão nervosa—
Venus—não sei que seja mais formosa,
Astro—não sei que seja mais brilhante.*

*A' falada nudez indecorosa
De um marmore divino e allucinante,
Falta o calor da carne palpitante
E essa suave emanação de rosa.*

Basta ver-te o pedçoço e o nariz grego,
A espadua nua e os braços impeccaveis
Núo, porque eu, como artista, a mais não chego.

Nunca a nudez do corpo. A roupa avara
Quero cobrindo as fôrmas invejaveis
D'esse marmore vivo de Carrara !...

Angelus

*Angelus ! Hora triste, hora triste e de prece,
Hora que exorta ao amor e ao mysticismo exorta—
Todo o passado surge, a alma se reconforta,
Invoca um sonho amado e esse sonho aparece.*

*E sempre um vulto, um riso, um lar, um beijo aporta
Ao coração já frio e o retempera e o aquece.
Mas ah ! é uma outra dor que dentro d'alma cresce
Reviver-se a illusão que julgavamos morta !*

*Juntam-se treva e luz—não é noite nem dia,
E' a syncope da vida, é toda a natureza
Calma e triste a morrer, numa lenta agonia.*

*Um pesado lethargo á Terra toda invade.
E invade-nos a alma uma longa tristeza,
Alma grande, uma immensa e infinita Saudade !...*

Noites de Inverno

*Essas noites de inverno assim compridas
Como essas noites que se vão passando,
Quase sempre são noites mal dormidas,
Que, a sóz, eu passo, no meu quarto, andando.*

*Na madrugada as palpebras doridas
Mostram que o somno já me vem chegando...
Tenho negras olheiras e feridas
No fũdo d'alma, dentro em mim, sangrando.*

*É o que sinto não sei; não é sandade,
Nem me causa essa dor mulher alguma,
Que envenenasse a minha mocidade.*

*Sei apenas que sinto o peito frio,
Que as minhas illudões, uma por uma,
— Me vão deixando o coração vazio !...*

Se amei ? !

*Rio-me, vês ?... Se amei eu algum dia ? !
Rio-me apenas, pois somente um riso
Forçado, embora, pallido e indeciso,
Póde dizer-te o que eu dizer queria.*

*Não vês que o amor nasceu no paraiso,
E sem amar como eu viver podia,
Se o amor é a luz que para o bem me guia,
Se o amor é o tudo que no céu divide ?*

*Amo os astros e te amo, amo, querida,
Desde uma flôr á mais pequena planta,
Porque o amor é a condição da vida.*

*Nis ? pouco importa, é pelo amor que eu vivo,
Preso sim, mas cantando como canta
Um pequenino passaro captivo !...*

Lazaro

*Só—no riso e na dôr, só—na morte e na vida,
Sem amor e sem pão—chaga viva e ambulante—
Tem o virus da morte impresso no semblante,
E n' alma a dôr atroz de uma cruel ferida.*

*Ninguém lhe escuta a voz, lhe fala um só instante,
Negam-lhe o pão e o riso e negam-lhe guarida,
E sentado estendendo a mão suplice erguida
Vê que os homens, sem dô, passam d'elle distante.*

*E, naufrago da vida hedionda, o desgraçado
Se volta para Deus e Deus nega-lhe a graça,
Como se nelle visse a imagem do peccado.*

*Só a terra, que é mãe, do misero não cerra,
Beija-lhe o pó dos pés, fica quando elle passa
E recebe no seio o lazaro que morre !...*

Nocturno

Noite. Lá fóra, brilhando,
O céu de estrellas se arqueia
E eu sonho acordado, olhando
A Ephelia da lua cheia.

Alegre, tonto e risonho,
Da janella do meu quarto,
No bergantim do meu sonho,
Para as estrellas eu parto.

Pois não posso, vendo os astros
Luzindo no céu profundo,
Viver no lodo, de rastros,
Por espaço de um segundo.

O manto azul me seduz,
E ando por todo o espaço,
Tomando banhos de luz
Em cada mundo que passo.

E dentro de um paraíso,
Já desprendido da argilla,
Me enflora a bocca um sorriso
De uma existencia tranquilla.

A minh'alma distrahida
Dentro de um astro se encerra,
Sem se lembrar mais da vida,
Sem se lembrar mais da Terra.

E rico desse thesouro
Que essas paragens anima
Esbajo mil versos de ouro
De sobre o throno da rima.

*E n'uma alegria louca
De luz o céu regorgita...
Um verso me sae da bocca
E Syrius perto palpita.*

*Pois nessa infinita altura
E amplo estejo dos sóes
Nunca teve essa ventura
De ouvir cantar rouxinões.*

*Mas, sinto, na madrugada,
Que as estrellas se vão todas
Celebrando na alvorada
Brilhantes festas de bodas.*

*E frio e pallido vejo,
Debruçado na janella,
Fugindo o vasto cortejo
De estrellas da vasta umbella.*

*Os astros todos fugindo
Me deixam tristonho assim,
Só Venus ficou luzindo
Com os olhos fitos em mim.*

*Scintilla como um brilhante
Cravado na concha azul,
E eu vivo della distante
Vivendo neste paul.*

*Triste, frio e commovido,
Tendo os olhos rasos de agua,
Relembro o tempo vivido
Longe do sol desta magua...*

*Survindo da natureza
Um longo e profundo dobre,
De uma profunda tristeza
Toda a minh'alma se cobre.*

*A custo suffoco o choro,
Procuro a paz de meu leito
Pensando num astro louro
Que inda brilha no meu peito.*

.....
*E no meu quarto, sozinho,
Os raios do sol entrando,
No meu leito, em desalinhic,
Inda me encontram sonhando.*

Peccador

*Olçam-me todos, olçam que eu não cõro:
Sou peccador, confesso, e, confessando,
Nãõ baixo a vista, nem tremendo choro
Arrepẽdido de viver peccando !...*

*Peccador como seu, na carne meo,
E sobre a carne hei de viver pregando,
Que a virtude è palavra que eu deplero
E calco aos pẽs por onde vou passando.*

*Quem for puro aqui fique... não me leia,
E nem queira mostrar-se consternado
Vendo minh'alma de peccados cheia !...*

*Mas, se o vicio, entre os homens, já não medra,
Si existe alguém que nunca houver peccado,
Que me sacuda uma primeira pedra !...*

Sonhando...

*Deserto é o leito e o coração deserto !...
Sonho... e o teu vulto no meu sonho vejo—
Paraíso de carne que antevejo
Da minha bocca palpitando perto !...*

*Abro os braços no ar num longo adejo,
Teu corpo em flôr contra o meu corpo aperto,
Tremo agitado, dos lençoes coberto
Ardendo em febre do calor de um beijo.*

*Beijo-te branca... desnastada a coma,
A premer e teu seio no meu peito
Cheio de vivo e sensual aroma !...*

*Beijo-te o corpo e os teus cabellos soltos;
E exausto accôrdo a sós, vendo no leito
Os travesseiros e os lençoes revoltos !...*

Depois do Sonho

*Logo ao vir da manhã, ermo e sosinho,
Apressado levanto-me chorando,
No meu leito revolto procurando
A carne em flôr que desertou meu ninho.*

*E á ponta aguda de um perverso espinho
Sinto ferido o coração sangrando...
Ah ! porque foi que eu não fiquei sonhando
Eternamente, entre os lençoes de linho ? !*

*Ó desespero vem roubar-me a calma,
E vem trazer-me o desalento e o pranto
Que me torturam, lacerando a alma...*

*E grito e choro, numa raiva louca,
Pois não ha perda que me aflija tanto
Como a dos beijos que eu te dei na bocca !...*

© Sahara

I

*Mordido pelo sol, vae o Grande Deserto
Da Senegambia ao Nilo. E' um vasto mar de areia
Que o sol das seis a seis continuamente aberto
Fustiga e morde e queima e impiedoso esbrazeia.*

*A's vezes de um camello uma ossada branqueia
Rolando pelo chãc. Implacavel, incerto
E furioso o Simun, em coleras, campeia,
Levando de roldão tudo o que encontra perto.*

*E sol e muito sol... Na areia requeimada,
Arabes côr de bronze, em jornadas insanas,
Resequidos lá vão, buscando uma pousada.*

*E as miragens, no ar, succedem-se ligeiras:
—É' o deserto que sonha e rouba às caravanas
Uma hora de conforto à sombra das palmeiras !...*

© Sahara

II

*© Sahara é um sonhador—sem lar, sem paz, afflicto,
Só—no abandono, só—numa terrível sanha...
Um sol a lhe lançar maldições do infinito,
Queimado e requeimado até na propria entranha,*

*Sonha: busca esquecer o seu fado maldito—
Vê, perto, no horizonte, um perfil de montanha,
Vê parques, vê jardins, vê torres de granito,
E mesquitas azues que um lago de oiro banha.*

*A's vezes o Simun, colérico e medonho,
Vem o corpo agitar do grande visionario,
Vem o Sahara acordar de dentro do seu sonho.*

*Mas ha ! de novo, no ar, vê castellos brilhando,
Que vive de sonhar este celibatario
As doçuras de um lar que elle só vê sonhando !...*

Offerta

*Essa flôr que aqui vês, que aqui te offerto,
Como um mimo de céu nunca sonhado,
Desabrocheu o seio perfumado
Nesta clara manhã de sol aberto.*

*Fôrma esquisita e aroma delicado.
Por muito tempo a contemplei de perto—
Serria ao sol e o calix entreaberto
Matava a sede ao colibri deitado.*

*Guarda-a contigo... é tua irmã. Vê: Deus
Creou-a assim como se fora filha,
Ehe dispensando uma amizade louca.*

*Por isso deu-lhe os esplendores teus:
A mesma côr que no teu rosto brilha
E o mesmo aroma que tu tens na bocca !...*

Remorso

*Não sei porque, como um cruel castigo,
Que as mãos de Deus sobre o meu ser lançou,
Me morde e queima e me fustiga a face
Aquelle beijo que eu troquei contigo.*

*Antes nunca em meu rosto se estampasse
Esse beijo de fogo que eu maldigo !
Aho remorso hei de arrastar comigo
Sem que a tortura desse espinho passe.*

*Não podendo ficar... lamento apenas,
Que depois desse beijo assim partisse
Trazendo n' alma uma porção de penas.*

*Que a viver nos grilhões em que me vejo,
Antes nunca contigo a sóz me visse,
Nunca tivesse te pedido um beijo !...*

Ruina

*Bella e triste ruina. Gutz ora um paço nobre
De senhores feudaes dos tempos das cruzadas,
Hoje é um grande montão de pilastras quebradas,
Mordido pelo sol, menos que um lar de pobre.*

*Alcerces, torreões, muros velhos e arcadas
Lentes morrendo assim como as notas de um dobre.
Verde, piedoso e bom o matto invade e cobre
As rugas e o livor das pedras desoladas.*

*Em novellos, pelo ar, o crepusculo desce,
E quieta e muda e calma a natureza assiste,
Das ruinas surgindo, uma infinita prece.*

*Perto, sozinha, secca, uma arvore sombria
Levanta uns braços nus, como um gemido triste,
Numa palpitação de dôr e de agonia !...*

Sonho de Artista

*Senta-se, e, preso ao pensamento, o artista,
De palheta nas mãos, erguida a fronte,
Sonha... e busca do pinçaro de um monte
Um panorama que seduza a vista.*

*Como quem sonda a desejada fonte
Da beleza de um quadro pantheista,
Espraia os olhos na vermelha lista
Do franjado da curva do horizonte.*

*De pé, sereno, vendo o céu que o cinge,
Queda-se mudo e fica pasmo, olhando,
Numa profunda escrutação de Esphinge !*

*Ante o quadro azulado se transmuda,
Deixa o pincel e fica em pós sonhando
Na volúpia de um extase de Budha !...*

Rimas...

*Que noite calma !
Dorme em silencio toda a cidade,
Só, no meu quarto, na soledade,
Quanta tristeza, que eu sinto n'alma,
Ai ! que saudade !*

*Lá fóra o vento,
Como quem conta qualquez segredo,
Passa de leve pelo arvoredo,
Tão lento e lento,
Que mette medo...*

*E a natureza
Sima e calada !
Ai ! como sofres, alma exilada !
Ai ! que tristeza,
Nesta hora morta da madrugada.*

*Foge-me o somno
Tonificante que tanto almejo...
Ai ! que desejo
De me vêr fóra desse abandono
Em que me vejo !*

*Em vão espero
Que passe a noite, que venha o dia,
Venha a alegria,
Para tirar-me do desespero
Desta agonia.*

*Que noite calma !
Dorme em silencio toda a cidade.
Só no meu quarto, na solidade,
Quanta tristeza que eu sinto n'alma...
Ai ! que saudade !*

Noite de Insomnia

*Ardó em febre... e, sosinho, em vão batalho
Nesta noite de insomnia pavorosa!—
Tento escrever... e, tremula, nervosa,
Corta a penna o papel, onde trabalho!*

*Fôra, a noite a correr silenciosa,
E as crystallinas perlas de orvalho
As arvores banhando, galho a galho,
Matando a sede à terra sequeiosa!*

*E aqui dentro, a sós, pallido medito,
Pensando em ti, convulsamente afflicto,
Numa saudade atroz que me consome...*

*E, em vez de versos, vejo, allucinado,
Nas tiras do papel amarrotado,
Surgir, brilhando, o teu mimoso nome !*

Dentro da Noite

Noite. No espaço azul, grande, a lua passeia,
— Monja trite do além, macerada, rezando.
Nuvens brancas no ar sombrias vão formando
Alma longa, infinita e luminosa teia.

Vasto e rico aranhel—No centro, a lua cheia,
Estros e astros de ciro em vella palpitando,
Cruzeiro, Libra, Orion, constellações em bande,
Como abelhas de luz dentro de uma colmeia !

*Minh' alma em ancia vans e em vortices medonhos !...
Olhos fitos no céo, presos na immensa altura,
Vejo pascendo ao luar um rebanho de sonhos.*

*E que ancia em mim de voar, eu que vivo de rastros,
Abrir azas... subir e, ó suprema ventura,
Ser preza do aranhol que prende tantos astros !*

Monge

*Pobre ser que eu já fui !... ermo e sombrio
Como as ruínas de um solar antigo...
Sem ter ar, sem ter luz, sem ter amigo,
Andava triste e a trillar de frio.*

*E vivia a chorar, num desvario,
À procura da paz de um doce abrigo,
ouvindo o coração chorar comigo,
Cheio de sombra e de illusões vazio.*

*Cresci e professei. Venho de longe,
Levantando em tripel os meus desejos,
Todo envolvido num burel de monge.*

*Fiz de uma becca o calix consagrado,
Calix rubro, de carne, dos meus beijos,
Com que celebro as Missas do Peccado !*

Credo

*Crê, Dolores, em Deus—a fonte da verdade,
Atrás que vêes brilhar e de onde crês que emana
A luz que inda illumina os aís da raça humana
E da vida a conduz á fíia eternidade.*

*Para quem crê que importa essa lencura insana,
Que diz que além do espaço, além da immensidade
Onde os mundos gravitam em toda a majestade,
Existe tão somente o tectico Nirvana ?!*

*Nunca vacilles... crê, pois uma crença forte
É a luz que inda illumina os tristes moribundos,
Dançando em convulsões na bachanal da morte !*

*Que importa o gargalhar sinistro dos atheus,
Se tu crês nessa Lei, que movimenta mundos,
No Ser Omnipotente a que tu chamas—Deus ? !...*

Andorinha

*Na velha torre de uma igreja em riste
Uma andorinha vem pousar cansada...
E olhando-a vejo que ella alli pousada
Fristonha o dia agonizando assiste.*

*Por muito tempo lá ficou parada...
Lembrando-se talvez de outra que existe,
Da companhia que deixou bem triste
Na velha torre de uma igreja amada...*

*Não de outro modo, em busca de outros ares,
Que me prolonguem mais um pouco a vida,
Atravessei a vastidão dos mares...*

*E choro como se a andorinha eu fôra,
Como quem chora uma illusão perdida:
Ôtra andorinha pequenina e loura !...*

Ante uma Arvore

*Soffro tambem contigo, arvore amiga,
Soffro vendo-te assim soffrendo tanto;
Vendo que és bôa e vives, no entretanto,
Curvada ao peso de uma dôr antiga !*

*Vejo-te e páro, gélido de espanto—
Não ha quem passe pela estrada e diga
Sem que prove o teu fructo e a rir consiga
Te abrir feridas, onde corre o pranto !*

*Se fossem fructos máos, se esses teus fructos
Fosseem só fructos de arvore maldicta,
Cheios de fel, informes e corruptos,*

*Em vez de pedras te beijavam todos...
Viverias incólume e bemdicta,
Sem um só homem te cobrir de apôdos !...*

Saudade

*Parte, Maria, eu ficarei sozinho,
Chorando a dor desta cruel partida,
Que me tortura como um negro espinho,
E me envenena inteiramente a vida.*

*ouve inda mais—no adeus da despedida,
Sentirei, como sente um passarinho,
Alma saudade immensa e dolorida
Da companheira que deserta o ninho.*

*Soffrerei desolado esses pezares,
E em pé, no cáes, eu ficarei te olhando
Té que te sumas muito além nos mares...*

*Certo, ouvirás no marulhar das aguas,
Toda minh'alma te chamar chorando
Um rosario tristissimo de maguas !...*

Pouco Importa Esperar...

*Pouco importa esperar, esperarei um anno,
Outro mais e mais outro... O meu amor encerra
Muita esperança, crê: jamais um desengano
Virá nos separar nos arvorando em guerra.*

*Amo-te... e o grande amor que nos meus sonhos era,
É o amor feito de luz, suave e soberano,
Que prende e que domina à luz, o mar, a Terra,
É o coração viril de cada um ser humano.*

Deixa que vença o tempo; uns corações perversos
Certo, nos maldirão, porém, a nós, que importa,
Se és dona de minh'alma e dona de meus versos ? !

Um dia ha de chegar em que, radiosa e pura,
Vejas aberta em par a refulgente porta
Da alegria, do amor, do sonho e da ventura !.

Laurita

*É uma historia engraçada—na verdade,
Nunca pude suppor, que uma menina
Como Laurita, sendo tão franzina,
Gostasse tanto de augmentar a idade.*

*Era meiga, bonita, pequenina,
Bôa, incapaz de uma qualquer maldade;
Tinha apenas consigo essa vaidade:
Ser uma môça aristocrata e fina.*

*Mas Laurita cresceu—quanta mudança—
Não se orgulha de sua mocidade,
E nem compõe com o mesmo ardor a trança...*

*E mudou tanto (que ella não nos ouça)
Que ja não gosta de augmentar a idade,
E vae ficando cada vez mais môça !...*

Pastoril

*Nô pateo da fazenda ha um grande reboliço,
Já de todo commum na vida dos roceiros,
Assim como um vae-e-vem de abelhas no cortiço,
De bridas e cellins, cavallos e vaqueiros.*

*Aqui, cantarelando um caboclo mestiço,
Com ares de feitor, apressa os companheiros;
Alli, numa varanda, assistindo ao serviço,
Assentam-se fumando os velhos fazendeiros.*

*Lento carro de boi passa, perto, cantando,
E um camponio, de pé, por sobre o cabeçalho,
Pela estrada lá vae... com saudade aboiando...*

*E um caso picaresco, uma historia, um accidente,
Vem á balha em conversa, alegrar o trabalho
Do penoso serão de toda aquellá gente !...*

Carro de Boi

*Velho carro de boi, pesado, aos solavancos,
Em busca do sertão, sem ter uma pousada
De calháo em calháo, por cima dos barrancos,
Vagaroso lá vae... cantando pela estrada.*

*Velho, vae se quebrando aos ultimos arranco.
Náo ha sol, nem fadiga e nem mesmo invernada,
Que lhe detenha o andar—Lento, caminha aos trancos
Pouco a pouco vencendo a penosa jornada.*

*Ha vinte annos atraz viveu num piquizeiro
Cortaram-no sem dó. Sem paz e sem-reposo
Hoje vive de andar pelo sertão inteiro,*

*Lento e triste a rolar naquellas soledades...
Sempre porém cantando e cantando saudoso
Como quem canta só para matar saudades !*

Mors

*Esse amor me faz mal. Isso de amar-te
E ser amado sem fallar contigo,
Não quero sendo franco desgostar-te,
Punge-me como um barbaro castigo.*

*Tal capricho exquisito, aqui te digo,
Sabendo que de ti somente parte,
Que sendo poeta, sou bastante amigo
Do que tem graça e tem sabor e arte.*

*Esse amor nada tem, é uma tortura...
Lento me vas o coração morrendo,
Todo envolvido numa noite escura !..-*

*Essa vida que eu levo é um pesadele...
Só porque gostas de me vêr soffrendo,
Só porque tens um coração de gelo !...*

Entre les Deux...

*Passam... (não sei como dizer) são duas,
Duas estrellas, duas bellas rosas...
E, como as flôres dos jardins, cheirosas,
Enchem de aroma inteiramente as ruas.*

*Ambas desabrochando, ambas formosas,
Trazendo os corações em guerras cruas...
Uma tem oiro nas madeixas suas,
E a outra a côr das noites tormentosas.*

Passam... e eu pareo deslumbrado e mudo,
E, pelas ruas onde vão passando,
Não, por encanto, deslumbrando tudo !...

E eu fico preso por dois fortes laços,
Entre a loira e a morena, a vez sangrando,
O coração partido em dois pedaços.

Threnos

*Morrer... mas nunca assim... Porque morrer tão cedo?!
Viveste como vive um meigo passarinho:
— Cantaste docemente à sombra do arvoredo,
Sobre os fiouxeis de um ninho;*

*E, no esplendor da manhã, azas de arminho abriste
À palpar, feliz, filha de um ser fecundo,
E o grande vôo ergueste e celere partiste,
Para um sonhado mundo.*

Foi curto o teu viver, foi um sorriso apenas,
E vocaste como a garça—extranho rosicler—
Que sae de um charco sem levar nas bellas pennas
Alma nudoa diquer.

Se morreste não sei, mas, sei que tua alma pura,
Como o sublime alvor de uma camélia aberta,
Sori ébria de luz na infinita altura,
De muitos sóes coberta.

Sei que murchaste, flôr, a luz de um sôl ardente:
Pendeste sobre o hastil inda em botão pequeno,
E foste reviver num astro refulgente
No grande azul sereno;

Sei que vives feliz na majestosa umbella,
Entre o circo immortal dos mágicos planetas,
E a cellica paragem—a concha azul e bella
Onde habitam os cometas—

Porque nasceste, santa, e não soubeste nunca
O que foi o prazer, o que se chama o amor,
E o phantasma do mal que a nossa vida junca
De rebentos de dôr.

Ephemero sorriso, abandonaste a vida
Ao bello despontar de tua mocidade,
Sem ao menos levar na bocca emudecida
 O ai de uma saudade.

Não te lembras talvez de quem na terra existe
Illuminado ao sol de uma profundo magoa,
No proprio ser repulto e torturado e triste
 Indo de fragua em fragua !...

Porém não te esqueci e te acompanho a imagem,
Por onde quer que vás, por onde quer que passes,
E contigo revejo a pallida miragem
 Dos meus sonhos fugaces.

E viverei assim, ó criação divina,
Tendo os olhos na luz dos grandes sóes immerdos,
E tendo o nome teu, o astro que illumina
 O escritorio dos meus versos,

Qual Estrella polar que a palpitar conduz,
Longo dos ventos máos, dos temporaes medonhos,
O meigo yathe azul dos meus mimoses sonhos
 Ao teu paiz de luz.

.....

*Foi curto o teu viver, foi um sorriso apenas,
E voaste como a garça—estranho rosicler—
Que sae de um charco sem levar nas bellas pennas
Alma nedeoa siquer.*

No meu Coração

*Bem feito, coração, bem feito !... Chora,
Mariposa do amor que te queimaste !...
Se ouvisses tudo o que eu dizia out'ora
Não passarias pelo que passaste !*

*Brincaste alegre pelo amor afôra,
E já que o fel' desta paixão provaste,
Veltas chorando e arrependido, agora,
De ter amado como nunca amaste !*

*Mas é tarde demais... quando eu dizia:
Brincadeira de moça não dá certo,
Toma sentido com esse amor, cuidado...*

*E' que eu sabia, coração, sabia
Que o amor é chamma e quem lhe chega perto
Tem, com certeza, de morrer queimado!...*

Arrufos

*Chegei e fui falar-lhe. Ella, corada,
Disse-me seria: "Essas cousinhas tuas,
Essas cousinhas que não valem nada,
Já deram assumpto a se falar nas ruas."*

*Procurei desculpar-me... e ella arufada,
Torcendo as pontas das madeixas suas,
Numa attitude de quem está zangada,
Fei-me dizendo umas verdades cruas !...*

*"Não te vejo talvez ha uma semana !...
Isso é feio demais para um poeta
Não condor-se de uma dor humana..."*

*—Chorou... Chorei tambem e em pós me olhando,
Toma-me as mãos e fica triste e inquieta,
Arrependida de me ver chorando !...*

Zumbi

I

*Era escravo Zumbi, negro robusto e forte.
Fora do seu torrão, sorvendo novos ares,
Quiz ser livre; e a lutar, sem que temesse a morte,
Quebra algemas e foge e vai fundar Palmares.*

*Arrebanhou consigo uma grande coorte
De trinta mil irmãos, selviculas sem lares,
Que lá vão trabalhar, presos á mesma sorte,
Longe das feras mãos dos brancos dos seclares.*

*E' livre como o sol. Perseguições tremendas
São feitas a Zumbi; mas Palmares floresce,
Enquanto em derredor vão morrendo as fazendas:*

*E os brancos querem a luta e os brancos movem guerra
Viva e medonda ao negro. A luta recrudesce,
Mas o negro é senhor do pinheiro da serra !...*

Zumbi

II

*Livre, no cimo azul da Serra da Barriga,
Zumbi cultiva a terra; e o milho, a macacheira,
O inhame, a canna, o mel, compensam da fadiga
O negro agricultor daquella zona inteira.*

*Mas os brancos lá vêm... Serra azul e fagueira,
O' liberdade, adeus, que Palmares periga !...
Mas Zumbi vae lutar, a serra é uma trincheira,
Zumbi não voltará de novo à vida antiga.*

—Bando fero, no chão, de brancos rola exangue,
Morrem negros aos mil defendendo o reducto,
E surge em cada um rastro uma poça de sangue.

E' pulso contra bala ! Implacavel e forte,
Zumbi desce a montanha, stoico e resolute
E vae semeando o horror e vae semeando a morte !...

Zumbi

III

*Durante noite e dia um sangue vivo e quente
Vem primeiro encharcando a resequida terra,
Depois, aos torbellinos, se avoluma em corrente,
E corre sem cessar durante toda a guerra.*

*Combatentes aos mil pelem frente a frente,
Morrem negros sem conto e Zumbi não se aterra:
Luta, busca vencer... mas ah ! sorte inclemente,
Os brancos vão subindo e vão galgando a serra.*

*Sobem... fechando o cerco e os redutos vencendo !
Numa nuvem de pó, entre os ais dos feridos,
Negros em convulsões rodopiam morrendo...*

*Palmares morre enfim— Zumbi, rugindo, em sanha,
Recua, bava, espuma, aos gritos e aos gemidos,
E rola como heroe do cimo da montanha !...*

Branca Morrendo

*Branca morrendo um cirio soluçante
Dele-lhe a noite o somno derradeiro;
Cante o recal, a natureza cante,
Cantem lá fóra as aves no terreiro.*

*Morrerá sem gemidos nesse instante,
Como Christo morrendo no madeiro.
— Figue Venus mais bella e mais brilhante,
Figue mais bello o firmamento inteiro.*

Que ella morrendo, como um passarinho,
Seja-lhe o esquiſe o gynecéo de um ninho
Entre rubis e pedras de mil côres.

Resplanda o céu de vivas esmeraldas,
As borboletas levem-lhe grinaldas,
E enfeitem todo o seu caixão de flôres !...

Morte de Venus

*Rumores no arvoredo... surge o dia !
De borboletas um dourado bando
Vem bem depressa a solçar voando
Me perguntar o que de estranho havia...*

*Vinham de longe os colibris chegando !
E ante os meus olhos, deslumbrado, eu via
A natureza desmaiada e fria,
E as rosas todas dos jardins chorando !...*

"Morreu (diz-me uma flôr banhada em pranto)
"Apunhalada por um anjo leiro
"A noçda irmã que nos amava tanto !..."

E fito o firmamento... e vejo, exangue,
Na extrema curva, um capacete de ouro,
E Vênus morta suffocada em sangue.

Luta

*Era tarde— De bordo, indiferente,
Sciismava contemplando o mar gigante,
Que raivoso bramia soluçante,
Aos pés da rocha de granito alvente...*

*Tremenda luta ! — O pélaço, arquejante
Tentava esphacelar completamente
O rochedo passivo que somente
Olhava o espaço muito além... distante.*

-- A minha vida é o velho mar sombrio,
Que rugo encapellado ermo e bravo,
Ao sopro do soffrer e da saudade...

Travando luta homérica, selvagem,
A fim de desfazer essa miragem
Das brancas illuzões da mocidade !...

Jesus

*Dos braços do madeiro vacillante,
Pende o doce Jesus ensanguentado,
Sem que dos lábios se lhe escute um brado,
Que exprima a dor do seu supremo instante.*

*Peito aberto a lanças, lado a lado,
Ei-lo a fronte reclinada em sonhos ante
A de Magdala, a desgraçada amante...
Tendo o rosto de lagrimas banhado.*

— Assim também eu perecêra um dia,
Calmo, esquecendo os soffrimentos tantos,
Que envenenaram a minha fantasia,

Se visse, ao ai da extrema despedida,
Curvada junto a mim, banhada em prantos,
— A Magdalena que adorei na vida !...

Laus Veneris

*Silencio, poetas, que ella ahi vem chegando !...
Lirios brancos, jasmims, botões pequenos
De finas Paul Meyron desabrochando...
Astros e Deusas, colibris e threnos,*

*Rimas que eu sinto dentro em mim cantando,
Terra, mares e ceos, verdes serenos,
Tudo se curva quando for passando
Essa invejavel e moderna Venus !*

*Artista que a buril a pedra cortas,
Porque essas Vênus com o lívor gelado,
Numa attitude de bellezas mortas ? !...*

*Pára e contempla essa mulher que encerra,
No seu corpo de lírio immaculado,
A mais perfeita criação da terra !*

Na Roça

*Na vespera da feira ha um festão na fazenda,
Que atráe para a folia o povo da beirada;
Prolonga-se uma dança até de madrugada
Sem se poder dormir na casa da vivenda.*

*Aqui, lembra um camponio uma feira passada,
E um outro que a assistio de quando em quando o emenda;
Ali, conta um vaqueiro a canceira tremenda,
Que teve com um novilho em toda a vaquejada.*

*E dentro, na varanda, em sensuaes meneios,
De pernas, de quadris, de braços e de seios,
Raparigas dançando em requiebro de mela.*

*Emquanto um sertanejo ao violão no "chorado"
Vibra com todo ardor, alacre e apaixonado,
O cordame febril da apaixonada viola !...*

A Ferra

*Carnaíba chegou. Rindo, os lábios descerra
Num leve cumprimento alegando canceira;
Toma um laço aboiando, abre os páos da porteira,
Ganha presto o curral e dá começo à ferra.*

*Passa um grande terror pela boiada inteira:
É mais um boi que "espira", uma vacca que berra,
Espantado, um novilho ao vel-o escarva a terra,
É "fumando" ergue no ar uma nuvem de poeira.*

*Debaixo de um pão-d'arco, arde um grande brazeiro,
Onde vê-se esquentando os ferros da fazenda,
De cocoras, risonho, o vulto de um vaqueiro.*

*E por sobre os moirões um pevarão dentado,
Vindo só para ver a labuta tremenda,
Que vai pelo sertão quando se ferra o gado !...*

Depois da Ferra

*Ferrada a ultima vez Carnaúba, escoteiro,
Vae "esperar" um garoto. O povo, num oarilho,
O applaude sem cessar num festivo berreiro,
Chispando em cada elhar um novo e extranho brilho.*

*Era um pae-de-malhada, um garoto recilho,
Fumoso quebrador de fama de vaqueiro.
Carnaúba porém tinha como o novilho
Muita fama tambem pelo sertão inteiro.*

*O touro escarva o chão do lado da porteira,
Rôla, treme o "cupim", recua, faz carreira,
E investe. Sem perder um bolicho do touro*

*Carnaúba, de pé, sorri das ameaças,
Arma com rapidez duas ou trez negaças,
E o surra sem cessar só de chapéo de couro !...*

O Vaqueiro

*Fulge Vemus no céu sozinha a illuminar-o !
É plena madrugada... a noite já vai morta...
Em ceroulá um vaqueiro abre a aldraba da porta,
Olha em torno, vê o tempo, ouve cantar um gallo.*

*Das bandas do curral, com infinito regalo,
Sorve cheiroso um ar que os pulmões reconforta.
São horas de partir; é a amora que aperta,
O dia, quando vier, no campo ha de encontrar-o.*

*Tem parca refeição nos alforges guardada:
Farinha, carne secca, um bom queijo de coalho,
E parte só com Deus, no rumo da chapada.*

*Aprresta no alazão uma brida e um sellote,
Mercurio e relho cruz e vae no seu trabalho,
Pelos campos sem fim dar quebras num garrote !...*

Vibrações da Noite

*A porta do Poente em rubras chammaas arde,
Vejo morrendo o sol, vejo morrendo a tarde,
E vejo o mar—Fogé da immensa grei das aguas—
Bramindo, sem cessar, suas profundas maguas;
Tristonho ergue, soturno, uma triste cantiga,
E marca o rhythmar da heroica marcha antiga,
Vibrando, tempestuoso, o maracá das vagas,
No estridente rumor de uma explosão de pragas...
Esteira e brame e ronca e geme e chora e grita;
Torturado e sem paz o dorso verde agita*

De um polo, a outro polo, e orgulhoso o desfialda
Como um vasto lençol de liquida esmeralda.
Morre de todo o sol, de todo a tarde morre,
E um gélido suor na minha fronte corre!
Tudo treva em redor, toda a Terra de luto,
E o mar inda a gemer, profundamente, escuto!
De subito, porém, pelo espaço fluctua
O bojo de crystal esplendido da lua,
Que, vagarosamente, alva, rotunda e cheia,
Vem prateando o mar e prateando a areia.
A natureza canta adormecendo os ninhos,
Agasalham-se em bando os meigos passarinhos,
E mudo o Oceano então não mais impreca a Terra
Com o seu grito de dor e o seu brado de guerra.
E logo em pós a lua—o doce e brando sol—
Accende-se uma estrellá e luz como um pharól.
Primeiramente só pelo azul resplandece,
Depois uma outra mais, refulgindo, apparece.
Corre a noite a vagar, erma, longa e tranquillá...
Mas um astro, a tremer, abre a verde pupilla;
Surge mais outra estrellá, outra... são taes e tantas
Essas aves do céo que Deus tem sob as plantas,
E que vão, mansamente, o casto olhar abrindo,
Desabrochando em luz, cada vez mais luzindo,
Que eu fico sem saber, ellas todas olhando,
Se são estrellas mesmo o que vejo brilhando,
Ou castellos talvez que a minha fantasia
Vae erguendo, a sorrir, na abobada vazia.
Mas como ser um sonho, uma fílsa alverida,
Se estou vendo, de facte, a abobada estrellada,

Se o serralho dos sóes, gemmifero, fulgura
Entre gottas de luz pela infinita altura ? !...
Se busco essas viões para de perto vel-as,
E ante a marche aux flambeaux das rutilas estrellas
Tenho a forte impressão de que nesse momento,
Na grande embriaguez desse deslumbramento,
Assisto, extasiado, ao esbanjamento de ouro
Da liquida caudal de um persico thesorio.

.....
Foi numa noite assim, de limpido verão,
Que minh' alma se ergueu além do pó do chão,
E despertou-me o amor, que os passos me conduz
Na sublime ascensão que faço para a luz.

.....
Antes do Olympo haver Jupiter desertado,
E de nelle sentar-se um velho Deus barbado,
Creio que, em noite assim do firmamento limpo,
Estremecia todo o majestoso Olimpo
Em festas immortaes dos pampinosos deuses;
Estremecia a Grecia aos festivaes de Eleusos,
Branco, o sitio de Apello, em meio da floresta,
Tambem estremecia e retumbava em festa.
Quem sabe se uma noite assim não vio Paes Leme,
Como a noite que vejo e ante os meus olhos treme ? !
Certamente, só vendo uma noite assim rica,
Que perolas, coraes, astros no céu salpica,
Que invejando esse fausto, o bandeirante audaz,
Esmeraldas donhando em montes e caudaes,
Procurando um thesorio entre selvas ingratas,
Fosse, de anfracto a anfracto, embrenhar-se nas mattas,

Para depois, sosinho, entregue à varia sorte,
Ser preso sem piedade às mãos negras da morte.
Foi numa noite assim, sem laços do hymeneu,
Que Julieta se viu nos braços de Romeno,
Sem que, na madrugada, ouvisse a colovia
Annunciando à varzea o despontar do dia !...
Quem sabe se também como essa assim não fora
A noite que inspirára o Poeta de Eleonôra;
A noite que inspirára os immortaes Colombos,
Que affrontaram do oceano os medonhos ribombos
E vieram descobrir, entre lutas homericas,
As perolas do mar e a terra das Americas ? !

.....

Se o Principe da Treva, o furioso Satan,
Dedegrenhado e febril, logo ao vir da manhã,
Dentro do paraizo imprecou, iracundo,
A Força que o creára e que creára o mundo,
Foi porque vira a noite esparzindo esplendores
De brilhantes, rubis e pedras de mil côres.
E Deus, o Creador, o grande Ser augusto,
Deixára de ser Deus, de ser bomdoso e justo,
Si condemnasse Adão por elle ter comido,
Numa noite estrellada, o fructo prohibido...
Pois creio, si esse Deus colhesse de Eva um riso,
Como o colhiêra Adão dentro do paraizo,
E altivo, o soberano, o Deus omnipotente,
Num riso, abençoando a lubrica serpente,
Nil fructos comeria e, numa sêde louca,
Lamberia de certo, inda por cima, a bocca.

Tal não passa de lenda e dentro em mim repulso
A idéia de por isso Adão ter sido expulso.
Porém, se acaso o fôra e o fôra por castigo,
E que mais desejar se tinha Eva comido?...
Se vivia feliz por vê-la sempre perto,
Sem seu leito encontrar uma só vez deserto!
Vendo um fructo rosado e doce de velludo,
Vendo a noite que eu vejo illuminando tudo,
E Eva nivea... e Eva nua... e bella... e feiticeira...
Sobre a gramma, a donhar, sem folhas de parreira,
Descuidada, dormindo entre musgos e rosas
E aromas de jasmim, de carnes voluptuosas,
Ventre nu, seio nu, cabelleira em desleixo,
Pedia eu ver o mundo arrebentar o eixo,
E vês Jehová morrer extenuado e exangue,
Fugir-me o ultimo alento, o derradeiro sangue,
Mas, certo, provaria esse humano salerno,
E morderia o fructo e desdenhava o inferno!...
Se Adão Eva não cobre, entre cruéis desejos,
Da tunica escarlata e lubrica de beijos,
E, imitando animaes que elle vira nas selvas,
Flores que viu nevando entre lençoes de relvas,
Se não matasse a sede e a fome, de joelhos,
Na pelva dessa flôr de petalões vermelhos;
Se não erguesse aos céos um cantico sagrado,
E não amasse a vida abençoando o peccado,
Adão, certo, seria o escarneo atroz de todos,
Do mundo invectivado e coberto de apodos.
Mas não ha quem melhor a perfeição encarne,
Porque elle foi Deota e scute amar a carne,

Soube amar e morder o fructo saboroso
Onde, bella, se esconde a perola do gozo.

.....

No céo, o eterno Deus vela tambem sem somno,
Sentado no cristal de um refulgente throno;
Sobre o nimbo de um astro ergue-se num momento
A candelabros vendo acceso o firmamento...
E, descuidado, lá pela mansão etherea,
Não sabe o que é a dor, o antro da miseria,
A lepra, a maldição que nos sacode um Job,
Sem tremer, sem parar, sobre este humano pó.
Eterna maldição !... No céo—verdes os astros;
E, para nós, aqui, que vivemos de rastros
Neste vivo hospital, neste pantano humano,
Malditos, cabeceando entre o vicio tyranno,
E entre as garras cruéis de um negro peccadissimo,
—O verde é a côr do mar, o verde é a côr do abysmo ?
Só quem logra sonhar por esta noite calma
E' que pode saber o que eu sinto em minh' alma !
E, entretanto, não ha quem esta noite assista,
Que se não sinta Poeta e se não sinta artista,
E sinta dentro em si como que ancias supremas
De cantar esta noite em magistraes pôemas...
Esta noite me arrasta e me conduz ao lém,
Desperta-me o ideal de ir habitar o além,
E me seduz e prende e me attrae afinal
Como o modo de ser da força universal;
Me faz amar o céo, me faz amar o amor
E, homem—amar a vida e, Poeta—amar a dor.

Fido os olhos no chão e lembro-me da morte,
Dessa lei que nos prende, immensamente forte,
E, vendo tanta lama e tanta podridão,
Sinto, dentro de mim, sangrando o coração,
Ancia de ter amor, sonhos para sonhar,
Vida para viver, azas para voar;
De rapido subir pela manção siderea,
Fora deste paul, longe desta materia.

.....

Penso breve morrer. Os meus membros inermes
Forçoso hão de servir no banquete dos vermes !
E minh' alma onde irá ? Não posso acreditar
Que ella, como o meu corpo, ha de se transformar
Num punhado de pó, numa peça de lama,
Que uma bôcca de exgôlto, horrifica, derrama.
Seria, com certeza, um atro sacrificio,
Um lento, um incessante e barbaro supplicio...
E só nisso pensar fico pallido e frio,
E corre-me á medula um longo calefrio;
Invade-me um pavor, mas um pavor profundo
Como as horas finaes de um triste moribundo.
De certo existe um Deus, creio nelle e perdio,
E creio na doutrina angélica do Christo...
Alma que sinto em mim, alma branca e sublime,
Alma que só se sente e que se não exprime,
Alma grande, immortal, que no meu peito vibra,
Percorrendo a materia, indo de fibra em fibra,
Mas de um dia gozar o dulcíssimo repouso,
Galgando, triumphalmente, o abençoado penoso,

O Eden que muito além deste planeta existe,
 Que contemplas agora acabrunhado e triste...
 Assistirás, sorrindo, ás cinzas dos escombros
 Dessa cruz que eu carrego, ha muito, sobre os hombros,
 Neste vasto aranhol de decomposições,
 Que vejo deletério ás mãos dos histriões.
 Porém, alma procura entre os espiritos sãos,
 A alma dos meus paes, a alma dos meus irmãos
 E a alma branca tambem dessa mulher divina,
 Que os passos me conduz e a vida me illumina;
 E vive calma então no sonhado socêgo
 Sem mais outro desejo e sem mais outro apêgo.
 Ergue tambem aos céos o hymno da victoria
 Como quem tem galgado as fronteiras da gloria.
 E placidamente olha este quadro noturno
 De Jupiter, de Urano ou Sirius ou Saturno,
 Seja noutro qualquer, basta que possas vêr
 O céo, perto de ti, vivo, resplandecer.
 Para que percas mais do lodo as nodos pretas,
 Toma banhos de luz em todos os planetas
 E cinge á tua frente a mais bella corôa
 Que encontrares no além. Abre as azas e vôa
 E busca o estojo astral que te prende e seduz
 Na ascensão para o amor, para o paiz da luz !

.....!

Morre a noite tambem. Surge a manhã risonha,
 E inda minh' alma vibra, e inda minh' alma sonha!...

Cunnegundes

*Dizem... (não sei o que ha nisso de verdade)
Que Cunnegundes, apesar dos trinta,
Inda brinca, inda pula, inda se pinta
Como uma môça no verdor da idade.*

*Isso é cousa de povo de cidade...
É amavel leitor que se não ointa,
É bem possível que esse povo minta,
Que isso não passe de uma atroz maldade.*

*Mas que não seja, ella é mulher, coitada,
Qual é a moça que sem ter marido
Não faça modos de se ver casada ? !...*

*Bem pode ser que algum rapaz a acceite,
Pois nos diz um risão bem conhecido,
Que côco velho é que produz azeite !...*

INDICE

Offertorio	5	Ante uma Arvore	57
Cigana	7	Saudade	59
No Deserto	9	Pouco Importa Esperar	61
Idyllio	11	Laurita	63
Ante uma mulher	13	Pastoril	65
Angelus	15	Carro de Boi	67
Noite de Inverno	17	Mors	69
Se Amei ? !	19	Entre les Deux	71
Lazaro	21	Threnos	73
Nocturno	23	Ao meu coração	77
Peccador	27	Arrufos	79
Sonhando	29	Zumbi (I)	81
Depois do Sonho	31	Zumbi (II)	83
O Sahara (I)	33	Zumbi (III)	85
O Sahara (II)	35	Branca Morrendo	87
Offerta	37	Morte de Venus	89
Remorso	39	Luta	91
Ruina	41	Jesus	93
Sonho de Artista	43	Laus Veneres	95
Rimas	45	Na Roça	97
Noite de Insomnia	47	A Ferra	99
Dentro da Noite	49	Depois da Ferra	101
Monge	51	O Vaqueiro	103
Credo	53	Vibrações da Noite	105
Andorinha	55	Cunnegundes	113